



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA - UEPB
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS - CCSA
DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO - DECOM
HABILITAÇÃO EM JORNALISMO

MAYARA TATIANE DA SILVA BEZERRA

CAMPINA GRANDE, PB
2020

MAYARA TATIANE DA SILVA BEZERRA

DOCUMENTÁRIO: PALESTINA, BRASIL

Relatório Técnico apresentado ao departamento de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção de título e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto

CAMPINA GRANDE, PB
2020

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B574d Bezerra, Mayara Tatiane da Silva.

Documentário [manuscrito] : Palestina, Brasil / Mayara Tatiane da Silva Bezerra. - 2020. 44 p. : il. colorido. Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas , 2020.

"Orientação : Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto , Departamento de Comunicação Social - CCSA."

1. Documentário em longa-metragem. 2. Periferia no Brasil. 3. Relatório técnico. 4. Produto audiovisual. I. Título

21. ed. CDD 070.4

MAYARA TATIANE DA SILVA BEZERRA

DOCUMENTÁRIO: PALESTINA, BRASIL

Relatório Técnico apresentado ao curso de Comunicação Social da Universidade Estadual da Paraíba em cumprimento às exigências para obtenção de título e Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

Área de concentração:

Aprovado em: 03/12/2020.

BANCA EXAMINADORA

Kleyton Jorge Canuto

Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Ada Kesea Guedes Bezerra

Profa. Dra. Ada Kesea Guedes Bezerra (Examinadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Rômulo Ferreira de Azevedo Filho

Prof. Me. Rômulo Ferreira de Azevedo Filho (Examinador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

AGRADECIMENTOS

À minha mãe Maria, ao meu pai José, à minha irmã Thalia, à minha ‘sombriinha’ Alice, e à todos que, como um dia desejou minha avó Rosa, compõem o meu ‘Feliz Destino!’.

À Campina Grande, lugar onde nasci - não só uma vez - e nasço sempre que for preciso uma nova regência em minha vida.

À Luana Mafra, pelo afeto acidental tão logo transmutado em amor. Meu e seu, amor.

À Virgínia Guimarães, porque “vai dar tudo certo”, e nossas asas ficam cada vez mais fortes e nosso voo mais ágil ~

À Socorro Valdevino e Andreza Laranja, pela partilha sem a qual nada disso seria possível.

À Renan Lutiane, por afastar as tempestades, compartilhar e gerar comigo mil ideais.

À Rafael, pela grandeza e pavio curto, esses também ensinam algo.

À José Everaldo, ou melhor, Geraldinho. Por todos os dias levar dezenas de alunos de Pernambuco à Paraíba, por trabalhar com tanto zelo e por ser um bom amigo.

À todos aqueles que dedicaram tempo a me ouvir. Para mim, foi sempre incrível. Eu os ouço sempre, ecoando em minhas ideias.

Com vocês, senti que “não havia bem que eu não pudesse esperar da vida”.

À todos os meus professores, todos. Vocês são pedaços da minha pele, jeitos dos meus trejeitos, pausas das minhas falas e revolta na potência das minhas palavras. Ser professor é realizar um sem número de ‘bens da vida’. Obrigada!

“Narrar é resistir”
(Guimarães Rosa)

RESUMO

Relatório técnico do processo de produção do documentário *Palestina, Brasil, que* trata sobre a história de um bairro periférico, localizado na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco. O bairro da Palestina é um morro que se encontra na entrada do município. Visto por muitos como um dos bairros mais perigosos da cidade, a Palestina é um reduto de pessoas de diversas partes do país, personagens que perpassam e constroem a história deste lugar. Neste filme, vemos a Palestina como retrato do mundo, repleta de gente e histórias; estigmas e peculiaridades. Para a elaboração deste produto audiovisual foram entrevistadas oito pessoas do bairro, cujos depoimentos compõem uma narrativa que toca, entre outros assuntos, em uma problemática guia: o preconceito acerca dos bairros periféricos; e que, ao longo da narrativa, propõe duas soluções, que são, respectivamente: a educação e a cultura. A linguagem audiovisual associada às técnicas jornalísticas e ao estilo da direção, resultaram num documentário em longa-metragem, um retrato do mundo no agreste pernambucano.

Palavras-chave: Documentário; Periferia; Nordeste; Educação

ABSTRACT

Technical report on the production process of the documentary *Palestina, Brazil*, which deals with the history of a peripheral neighborhood, located in the city of Santa Cruz do Capibaribe, Pernambuco. The Palestine neighborhood is a hill at the entrance to the municipality. Seen by many as one of the most dangerous neighborhoods in the city, Palestine is a stronghold of people from different parts of the country, characters that permeate and build the history of this place. In this film, we see Palestine as a portrait of the world, full of people and stories; stigmas and peculiarities. For the elaboration of this audiovisual product, eight people from the neighborhood were interviewed, whose testimonies compose a narrative that touches, among other issues, on a problematic guide: prejudice about peripheral neighborhoods; and that, throughout the narrative, proposes two solutions, which are, respectively: education and culture. The audiovisual language associated with journalistic techniques and the director's style, resulted in a feature-length documentary, a portrait of the world at the Agreste of Pernambuco.

Keywords: Documentary; Periphery; Northeast; Education

LISTA DE FIGURAS

- **Figura 1** - Virgínia Guimarães realizando a pesquisa, conversando com o neto de um dos possíveis personagens do documentário, indicado por Lusimar
- **Figura 2** - Bastidores da etapa de pesquisa. Diretora do documentário conversando com possíveis personagens e moradores do bairro
- **Figura 3** - Bastidores das gravações, procissão e visita com agente de saúde.
- **Figura 4** - Bastidores das gravações checando enquadramento junto à Direção de Fotografia.
- **Figura 5** - Parte da equipe do documentário junto à personagem guia e ao segurança do set.
- **Figura 6 e 7** - Parte da equipe do documentário junto à Dona Totô, dia de gravação e equipe na Serra do Cruzeiro no dia da gravação da segunda entrevista com Seu Pedro da Serra.
- **Figura 8 e 9:** Bastidores da gravação da entrevista com Mc Kleber; Diretora gravando imagens da externa de visitas da agente de saúde Lusimar.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	11
2.1 Objetivo Geral	11
2.2 Objetivos Específicos	11
3 JUSTIFICATIVA	11
4 DOCUMENTÁRIO E PERIFERIA: NA TEORIA	12
5 ORÇAMENTO PRELIMINAR	15
6 METODOLOGIA	15
7 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES	16
8 DESCRIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO	17
8.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO	17
8.2 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO	17
8.2.2 Produção	17
8.2.2 Gravações	21
8.2.3 Edição	24
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS	27
ANEXOS	29

1 INTRODUÇÃO

Tratada com descuido pelos meios de comunicação de massa, a ‘periferia’ é tema das mais diversas pesquisas, desde o documentário às inúmeras formas possíveis de se codificar o conhecimento. O que é ‘periférico’ guarda os restantes de um mundo que concentra sua atenção e recursos sempre aos centros de cidade. O que resta à periferia é o que há de sobra no mundo como o experimentamos, a dor, a violência, a vulnerabilização, a falta de políticas públicas. Esta mesma periferia é também lugar de arte, beleza e sociabilidade, a periferia aqui é sinônimo absoluto de comunidade e resistência.

Localizada no agreste setentrional do estado de Pernambuco, a cidade de Santa Cruz do Capibaribe é conhecida como terra da Feira da Sulanca e compõe o Pólo de Confeção do Agreste, dispondo de diversas fábricas do ramo têxtil – base econômica da região (MONTEIRO, REGIS & MELO, 2010). Apesar do cenário precário de capitalismo tardio, onde informalidade e flexibilidade andam lado a lado, a principal característica da cidade é a produção e circulação de mercadorias na zona geográfica onde é situada. A transformação econômica gerada pela economia de confecção exerceu influência no processo de ocupação urbana a partir da migração para o local, culminando em acelerado crescimento populacional de até 5,7% ao ano entre 1991-2000 (SARABIA, MORA & XAVIER, 2013). A constituição da cidade se deu, então, alicerçada nas diversas formas de organização da famosa Feira da Sulanca (SARABIA, MORA & XAVIER, 2013). Dentre os bairros que formam a cidade encontra-se o Palestina, composto, segundo o Censo 2010, por 4.532 histórias (IBGE, 2010)¹.

Palestina, Brasil é um documentário de 40’59”, se caracterizando como um filme de longa-metragem. Realizado no período de 2018 a 2020, este filme é um projeto que envolve não só a autoria do cineasta-jornalista, mas toda uma relação com uma comunidade que tem histórias, ideias e visões de mundo para expressar e compartilhar. Sua finalidade foi, principalmente, mover as periferias dos espaços escondidos que ocupam o imaginário coletivo, considerando também que documentar a realidade exige a consciência de que esta tem autonomia própria (PENAFRIA, 2018), e que o produto integrará três histórias distintas: a do

¹ http://www.bde.pe.gov.br/visualizacao/Visualizacao_formato2.aspx?CodInformacao=1167&Cod=3

cineasta, a do filme e a do público (NICHOLS, 2005). O documentário tem ainda como público alvo a comunidade em geral, sociólogos, cientistas sociais e pesquisadores.

2 OBJETIVOS

2.1 OBJETIVO GERAL

- Apresentar o bairro Nova Palestina, conhecido como ‘Palestina’, a fim de retratar os personagens e histórias de uma periferia que é muito mais do que pode suscitar seu nome.

2.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar personagens que representem e tenham suas histórias de vida atravessadas pela vivência no bairro.
- Tratar sobre o potencial que a cultura tem de mudar a realidade.
- Mostrar como a periferia pode ser contada por uma perspectiva mais representativa, um olhar jornalístico mais preocupado e menos acusatório.
- Criar um produto midiático capaz de reunir um pedaço da memória deste lugar, contribuindo para o acervo cultural da região, se estabelecendo como uma fonte de memória capaz de mostrar a força social que a arte tem para fazer crescer uma sociedade e fortalecer a identidade local.

3 JUSTIFICATIVA

Este projeto nasce em 2018, como uma inquietação de Lusimar Guimarães, a voz guia do documentário ‘Palestina, Brasil’, ‘Lu’ é agente de saúde do bairro e alguém do meu convívio pessoal, mãe de uma grande amiga que também foi uma das agitadoras para o desenvolvimento deste produto.

Como uma boa jornalista, tenho os sete buracos da cabeça abertos (assim ensinou o Prof^o Luiz Custódio e Caetano Veloso), muito atentos e sensíveis ao que me cerca, e foi desse convívio com Lusimar e sua filha Virgínia que surgiu a necessidade de falarmos sobre o bairro

Nova Palestina. Queremos voltar a nossa e a sua atenção para o bairro mais alto da cidade, o primeiro bairro com o qual nos deparamos quando entramos em Santa Cruz do Capibaribe, a Palestina brasileira, cujos moradores guardam histórias que vão muito além do medo.

Identificamos a necessidade de criar um produto midiático capaz de reunir um pedaço da memória deste lugar, contribuindo para o acervo cultural da região, se estabelecendo como uma fonte de memória capaz de mostrar a força social que a arte tem para fazer crescer uma sociedade e fortalecer a identidade local. Com o resultado, queremos ainda contribuir para o desenvolvimento sociocultural e o fomento da produção audiovisual na cidade, bem como promover e reforçar a importância de criar novas políticas públicas e atualizar políticas já vigentes.

Por essas e outras, é que se pode acreditar na relevância deste projeto, desde a sua gênese. Pois tem o objetivo de pensar a periferia com maior complexidade, dispondo uma verdadeira atenção aos aspectos e personagens dos lugares compreendidos, quase sempre, sob uma perspectiva de medo e criminalização provocadas e mantidas pelo discurso da mídia de massa a serviço de um sistema econômico pouco preocupado em mudar o estado das coisas.

4 DOCUMENTÁRIO E PERIFERIA: NA TEORIA

Para Nichols (2005) todo filme é um documentário, seja ele um filme que conta histórias ficcionais ou um filme que conta histórias que documentam a vida de personagens comuns (não atores), pois que, toda peça visual ou audiovisual "evidencia a cultura que a produziu e reproduz a aparência das pessoas que fazem parte dela" (NICHOLS, p. 26). Ou seja, toda peça audiovisual reproduz uma realidade possível, que sendo ou não ficcional, sempre carregará traços da vida social e da aparência e comportamento da vida humana. Nesse sentido, para ele, existem dois tipos de documentário: (1) documentário de satisfação de desejos e (2) documentários de representação social. Aqui, nos dedicaremos à discussão da segunda categoria, que é definida por Nichols:

Os documentários de representação social são o que normalmente chamamos de não ficção. Esses filmes representam de forma tangível aspectos de um mundo que já ocupamos e compartilhamos. Tornam visível e audível, de maneira distinta, a matéria de que é feita a realidade social, de acordo com a seleção e a organização realizadas pelo cineasta. Expressam nossa compreensão sobre o que a realidade foi, é e o que poderá vir a ser. (NICHOLS, 2005. p, 26)

O documentário de representação social é formado por reivindicações, pontos de vista e argumentos que constroem uma narrativa que orbita a crítica social, e proporcionam visões de um mundo comum mas complexo, um poliedro de possibilidades diante de uma temática transposta em som, imagem e narrativa, que, como aponta Rocha (2012) “parte de uma lógica argumentativa, feita a partir do mundo histórico, da porção deste mundo que o diretor pretende retratar em seu filme” (ROCHA, p. 53). Nesse sentido, na linguagem documental, o exercício da subjetividade dá o tom, estilo e a singularidade da narrativa através da ótica do roteirista e/ou diretor que definirá um recorte de mundo para tratar sobre, escolhas estas que perpassam e acontecem em cada etapa do processo de produção. E assim o documentarista constrói uma visão de mundo, verificável numa escolha estética, nos cortes de câmera, na trilha escolhida, nos silêncios existentes, na seleção e encadeamento de falas, enfim, seleções cinematográficas em detrimento de outras.

Sendo assim, considerando o documentário de representação social e reforçando a noção de autoria que nos leva a considerar também a subjetividade dos indivíduos envolvidos, podemos pensar numa dimensão social e política, referida por Comolli (2001) como um cinema “engajado no mundo”, que não se faz sem um embate com o mundo social, por isso sua dimensão política é inegável.

A dimensão política de um filme (ficção ou documentário) deve ser procurada, portanto, nos modos potenciais que ele encontra para cifrar, com seus recursos expressivos, as cenas mais amplas do mundo histórico e social que o circundam e o atravessam. A isso seria preciso acrescentar ainda a participação vital do espectador como sujeito do julgamento tanto estético quanto político (MONDZAIN, 2008, p. 2007).

Ainda de acordo com Nichols (2005, p. 13) o documentário também se caracteriza pelo seu modo de produção - no que se refere à abordagem e construção estético narrativa - em seis tipos de modelos, que, em verdade “correspondem, grosso modo, a diferentes momentos históricos na evolução de uma forma”: o *poético*, que enfatiza associações visuais e/ou sonoras, e não tem a necessidade de seguir um padrão narrativo; o *observativo*, que enfatiza o engajamento direto no cotidiano das pessoas que representam o tema do cineasta; o *participativo*, que dá conta da interação de cineasta e tema, considerando um envolvimento mais direto; o *reflexivo*, que aguça nossa consciência através da linha de pensamento do filme e chama atenção para as hipóteses; o *performático*, que enfatiza o aspecto subjetivo ou expressivo do próprio cineasta e rejeita a ideia de objetividade e o *expositivo*, que trabalha com comentário verbal e uma lógica argumentativa.

Nesse sentido podemos dizer que o documentário *Palestina, Brasil* se encaixa no modo participativo, uma vez que o documentário é orientado por uma série de entrevista em que, por vezes, se vê a participação da entrevistadora mesmo que esta não aparece em vídeo; e observativo, quando por exemplo, acompanhamos um dia de trabalho da agente de saúde, voz guia do documentário.

Falar de documentário é também falar de alternativa à mídia de massa, aos jornais diários e suas reduções, espetacularização e exploração da miséria e porque não dizer opressão simbólica às periferias. Como coloca Souza (2016), a periferia é alvo da mídia.

Se as produções televisivas e cinematográficas hegemônicas dependem da prevalência de representações socioculturais que constroem uma realidade social compartilhada, o cinema de periferia necessita, então, de diferentes formas de elaborar a vivência, para que assim ele possa destacar as periferias para além das visões homogêneas e engessadas.

Para Domingues (1994) a definição de periferia não é clara na medida em que o conceito é banalizado e confundido com o de subúrbio. O autor elucida que a periferia é derivada do grau de afastamento – seja este físico ou sociológico – e sujeição a um centro, enquanto o subúrbio é uma variação da condição periférica, formação complexa e centrífuga. O surgimento da área periférica é marcado por disputas territoriais que culminaram na contraposição entre cidade legal e cidade ilegal, como face da riqueza e pobreza, fruto da apropriação desigual do capital (CARRIL, 2006). Essa distância social é então marcada pela diversidade, densidade e intensidade das relações interpessoais, pelo acesso à informação, cultura, política e economia (DOMINGUES, 1994).

Souza (2016 apud, HAMBURGER, 2003) aponto que documentários de periferia sinalizam para o surgimento de um modelo de representação que “inclui a periferia “no universo do que é visível” (como aponta Hamburger, em outro contexto), “mas não às custas de aparecer como exceção no habitat da barbárie” (HAMBURGER, 2003, p. 56)”. Isso implica na revisão de certas práticas midiáticas de apreensão da experiência alheia, pois a divulgação em grande escala de uma visão redutora, engessada e muitas vezes preconceituosa não se limita a exibição, “mas ajuda a construir imaginários que consolidam histórias, pessoas e sociabilidades vinculadas às periferias, imaginários que levam tempo para serem desconstruídos” (Souza, 2016). Nesse sentido, o documentário de representação social e o documentário de produção

documental periferia, realizados com ética, cuidado e visão política podem apontar perspectivas para a vida social e o imaginário de toda uma sociedade.

5 ORÇAMENTO PRELIMINAR

O documentário ‘Palestina, Brasil’ foi produzido com equipamentos próprios, emprestados e equipamentos cedidos pelo Departamento de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, bem como também a Assessoria de Comunicação da mesma instituição, viabilizando assim uma execução dinâmica e colaborativa. Ao longo da pesquisa e pré-produção do documentário, também recebemos doações de empresas da cidade, contribuição esta que visou o financiamento de transporte, alimentação e compra de alguns acessórios e equipamentos necessários para produção e pós produção do produto em questão. A equipe composta por produtores, editores, fotógrafo e operador de drone trabalhou de forma voluntária.

Transporte	R\$100
Alimentação	R\$150
Mic shotgun Yoda HT 81	R\$195
Pilhas	R\$20
Mic Lapela	R\$125
HD Externo	R\$400

6 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento desta peça audiovisual utilizamos métodos de caráter qualitativo. Primeiro realizamos a pesquisa com moradores do bairro, pessoas que encontramos no caminho e pessoas indicadas pela agente de saúde, e fomos, através de entrevista não estruturada, conversando e mostrando a questão central, que era a nossa pretensão de produzir um documentário sobre o bairro. Queríamos saber o que essas pessoas achavam que deveríamos contar e, a partir disso, entender esse perfil coletivo da ideia que se tem sobre o bairro Palestina.

Na etapa de gravações, utilizamos um roteiro de perguntas, o que caracteriza uma entrevista semi estruturada em profundidade. Como Fontana e Frey (1994, p. 361), entendemos que a “Entrevista é uma das mais comuns e poderosas maneiras que utilizamos para tentar entender nossa condição humana”. E, nesse sentido, realizamos entrevistas que, acreditamos, puderam transmitir um perfil não só individual da pessoa e sua relação com o bairro, mas principalmente, o resultado de todos os discursos, pôde traçar um perfil das periferias do

mundo. Em grande parte, a entrevista é conduzida pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, nossas inserções foram apenas no sentido de, ao longo do processo, alinhar a conversa ao roteiro de perguntas, levando-nos a outras percepções possíveis sobre a fala do depoente.

A entrevista semi-estruturada é aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que vão surgindo à medida que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses, que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVINOS, 1990, p.146)

Alberti (2004), nos mostra que o ato do que ela chama de ‘*ouvir contar*’, a troca entre entrevistador e entrevistado, conduzidos pela história oral que, por sua vez, proporciona “que os fenômenos subjetivos se tornem inteligíveis - isto é, que se reconheça, neles, um estatuto tão concreto e capaz de incidir sobre a realidade quanto qualquer outro fato”. Assim, a história oral proporciona que o depoente nos revele sua relação mais íntima com os temas suscitados e histórias de seu bairro, bem como suas inquietações individuais e perspectivas de soluções coletivas acerca da problemática do documentário.

7 CRONOGRAMA DE ATIVIDADES

<i>Palestina, Brasil</i>	2017	2018	2019	2020
Janeiro		Gravações (Perdidas por falha em HD)	Gravações	
Fevereiro		Gravações (Perdidas por falha em HD)	Gravações	
Março		Gravações (Perdidas por falha em HD)	Gravações	
Abril	Pesquisa	Gravações (Perdidas por falha em HD)	Gravações	
Maiο	Pesquisa			
Junho	Pesquisa		Gravações	
Julho	Pesquisa		Gravações	
Agosto	Roteiro			Edição/Finalização
Setembro	Roteiro			Edição/Finalização

Outubro	Início das gravações			Edição/Finalização
Novembro				Edição/Finalização
Dezembro				

8 DESCRIÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

8.1 DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O documentário é um longa-metragem de 40'59'' de duração, e é composto pelo depoimento de 7 personagens. A trilha sonora fica por conta da *Coligação Periférica*, projeto que Mc Kleber compõe. Para a gravação de todos os depoimentos, utilizamos duas câmeras, uma t5i e uma t6i, sempre em plano aberto e plano médio ou fechado. Dispomos de lentes 35mm, 24mm e 50mm. Em diferentes momentos, utilizamos três tipos diferentes de microfones lapela, dois deles cedidos por terceiros. Também realizamos filmagens de drone e osmo, com o apoio da produtora santacruzense *PARARTS*. Além disso, fizemos algumas captações de som com o gravador disponibilizado pelo Departamento de Jornalismo.

Sinopse: Retrato do mundo no Agreste Pernambucano, a Palestina é um bairro localizado na entrada da cidade de Santa Cruz do Capibaribe. Vista por muitos como um dos bairros mais perigosos da cidade, o morro é um reduto de pessoas que perpassam e constroem a história deste lugar. Neste longa-metragem, vemos a Palestina repleta de gente e histórias; estigmas e peculiaridades, arte e resistência.

8.2 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

8.2.1 Produção

Ao longo da minha graduação em Comunicação Social/habilitação em Jornalismo, passei por diversas fases, tanto do próprio curso, com sua mudança de grade e de nome, como também fases pessoais relacionadas à formação acadêmica, militância estudantil e acesso ou não a diversas faces do conhecimento mediadas pelos ambientes da UEPB, mais especialmente os corredores da CIAC. Um dos principais pontos de virada da minha formação em jornalismo se deu através da leitura em sala de aula de um perfil jornalístico escrito pela jornalista Fabiana Moraes, o texto faz parte do livro *Os Sertões*, reportagem vencedora do Prêmio Esso de

Jornalismo, criada para lembrar os 100 anos de morte do jornalista e escritor Euclides da Cunha. O olhar, a escrita e sensibilidade dessa jornalista me mostraram que era possível continuar a cursar jornalismo sonhando com o exercício menos engessado dessa profissão que tem extrema importância na formação do imaginário coletivo, e que pode, sim, ser realizada com responsabilidade e contribuir para uma necessária transformação social.

Nesse sentido, minha formação acadêmica começou então a se aproximar e se apropriar das mais diversas linguagens que pudessem conduzir e contar uma história. Um fato jornalístico não é simplesmente um momento, um fato tem materialidade histórica e isso sempre levará um bom jornalista a uma explicação, descrição ou demonstração mais fiel de uma realidade, levando em conta a complexidade dos fatos, não apenas o caráter objetivo, inodoro e insípido da informação/notícia. A vida tem cheiro, a vida tem gosto, a vida tem emoção, e estas são as que verdadeiramente podem contar como a vida é. O jornalista deve ser um grande maestro das linguagens, capaz de documentar a vida através da escrita, das narrativas radiofônicas, televisivas, das grandes reportagens, dos documentários audiovisuais e outras linguagens possíveis. É por isso que a minha formação chegou à produção audiovisual, linguagem com a qual eu como jornalista pude explorar muitos aspectos da minha profissão. Durante o curso tive inúmeras oportunidades de desenvolver minhas aptidões nessa área, desde cursar disciplinas nesse campo, como também realizar documentários e trabalhar em várias funções dentro da produção de filmes.

Por isso, aproveitando um desejo de produzir e aprender que tinha em comum com mais quatro amigos, resolvemos montar uma produtora independente e realizar nosso primeiro filme. A ideia desde do início foi aprender experimentando, colocar em prática tudo que o curso de comunicação vinha me proporcionando, ensinar o que aprendi e aprender mais ensinando, estudando e vivendo o passo a passo de uma produção audiovisual. Como dentro do grupo que reuni, eu era a única jornalista em formação, os demais eram graduandos em design e artistas de outras áreas, fiquei numa posição de liderança, orientando desde a pesquisa à execução do projeto, também realizando a direção criativa do documentário. Claro que, considerando o caráter de aprendizado que acordamos desde o início, vejo cada parte do processo de pesquisa, pré-produção, produção e finalização como resultado de um trabalho coletivo que, para mim, só reforça uma possibilidade de não só exercer a profissão de jornalista, roteirista e produtora audiovisual, mas também de, num futuro possível, poder repetir essa experiência inúmeras vezes como professora da área.

As ideias para um documentário podem surgir de várias maneiras, seja de uma pesquisa temática, um insight, um acontecimento ou fato jornalístico, tudo pode virar um filme, a variável é sempre o olhar do diretor e o tratamento que dará ao tema. No caso do documentário *Palestina, Brasil*, a ideia veio numa conversa despreziosa entre amigos, Lusimar Guimarães, agente de saúde do bairro Vila Nova Palestina, é mãe de Virgínia Guimarães, que também compõe a equipe do documentário. Um dos desejos de *Lu*, como a chamamos, era contar ‘A’ história da Palestina, e foi assim que decidimos aproveitar o ensejo para nos organizarmos enquanto produtora independente (*Punctum Filmes*) e aprendermos mais e juntos a produzir passo a passo um documentário audiovisual.

Este projeto se deu ao longo de boa parte da minha graduação e, em vários momentos, tive a oportunidade de falar sobre ele a colegas de turma e professores. Mesmo já tendo pago a disciplina de documentário com Michele Wadja, também participei como ouvinte da mesma disciplina ministrada pelo Professor Kleyton Canuto, onde pude compartilhar algumas dúvidas e mostrar o projeto executivo de Palestina, Brasil. Os conhecimentos que fui adquirindo ao longo da graduação cresceram em paralelo à produção do documentário. Com a pandemia, a interrupção das atividades acadêmicas e o isolamento social, continuar com a produção do documentário e apresentá-lo como Trabalho de Conclusão de Curso foi tanto uma oportunidade como também uma necessidade de finalizar dois ciclos com uma cajadada só. Nesse sentido, os processos que faltavam serem realizados para a finalização do documentário, culminaram também na finalização e apresentação do produto em questão como trabalho de conclusão de curso, descrito neste relatório técnico.

De 2017 para 2018 surgiu a ideia de realizar o documentário e então empreendemos uma série de conversas entre equipe e a personagem guia, Lusimar Guimarães, que num primeiro momento nos deu mais de 20 nomes de pessoas que poderiam contar “a história da palestina”, a própria agente de saúde descreveu um breve perfil de cada pessoa e o porquê de trazê-los para o documentário. Eu e Virgínia, munidas de um gravador de voz, realizamos a pesquisa em relação a cada nome proposto, e ao longo do processo fomos excluindo alguns em detrimento de outros e também levando em conta a necessidade de cada um na narrativa sobre aquele local. Depois de várias conversas que tivemos com pessoas do bairro, fomos filtrando as informações e chegamos a um número menor possíveis depoentes, mas ainda não era o ideal.

Fotos da Pesquisa

Figura 1: Virgínia Guimarães realizando a pesquisa, conversando com o neto de um dos possíveis personagens do documentário, indicado por Lusimar.



Foto: Mayara Bezerra

Figura 2: Bastidores da etapa de pesquisa. Diretora do documentário conversando possíveis personagens e moradores do bairro.



Foto: Mayara Bezerra

Iniciei então o processo de escrita do roteiro que, de saída, já iniciou com a escolha do título do filme ‘Palestina, Brasil’, a ideia foi situar espacialmente o lugar do qual iríamos falar, levando em consideração que a ‘palestina’, nos remete diretamente a um imaginário coletivo de estado de guerra, tema este o qual não pretende-se discorrer mais aprofundadamente neste trabalho, mas considera-se que a *Palestina* é terra violada, lugar que em qualquer parte do mundo, deve ser reconquistado, terra de gente que vive e resiste. Decidi abrir o roteiro com o som de um tiro, com o intuito de revelar e provocar no público o que pode ser a primeira coisa que no geral se imagina sobre a periferia, um lugar de violência, a ideia é que ao longo do filme, o espectador entenda que o que ele (o imaginário coletivo) pensa, nem sempre condiz com a verdade. Ao final do documentário o que se revela é uma subversão do senso comum, o som na

verdade é advindo da manifestação cultural dos Bacamarteiros, mostrando que a periferia é lugar de cultura.

Finalizei o roteiro com a colaboração de Virgínia Guimarães, então, assinamos juntas este processo do filme. Dei continuidade a outros textos relativos ao documentário, decidimos transformar tudo que havíamos escrito em um Projeto Executivo, no intuito de levar o documento à instituições e empresas que pudessem contribuir com o patrocínio para o desenvolvimento da obra. Nesse ínterim, para o tópico de equipe técnica do projeto executivo, realizamos fotos da equipe principal composta por mim e mais quatro pessoas, Virgínia Guimarães, Jansen Barros, José Neto e Larissa Cunha. Com todos os textos finalizados, realizamos a diagramação do material e o design ficou a cargo de Jansen Barros, nosso produtor executivo.

8.2.2 Gravações

Organizamos as ordens do dia das primeiras entrevistas, a de Seu Bibiu Aragão e a de Lusimar Guimarães. Em 5 de janeiro de 2018 demos início às gravações deste documentário. Infelizmente, não pudemos trabalhar com uma produção direta filme, tivemos que nos adequar à minha agenda acadêmica e a dos demais integrantes da equipe, por isso gravamos entrevistas, cenas de corte, imagens de osmo e drone em finais de semana, feriados, período de férias e meses diferentes, tudo de acordo com a disponibilidade de participação de toda a equipe necessária. Depois de meses de gravação tínhamos oito entrevistas prontas, faltava apenas uma, a de Dona Totô. Por azar, e eu diria que por descuido de iniciantes, estávamos salvando os arquivos unicamente em uma mídia externa, HD externo da Seagate que tínhamos acabado de conseguir comprar com o dinheiro dos patrocínios que conseguimos. O HD apresentou falha, e perdemos todo o material que tínhamos gravado, perdemos o documentário quase completo, restou apenas a entrevista de Seu Bibiu Aragão, salva no meu computador, para onde não conseguimos fazer a cópia dos arquivos antes desse infeliz acontecimento.

Não tivemos o que fazer, era impossível recuperar os dados perdidos pois o HD queimou, e ainda que fosse possível, não poderíamos pagar pelo serviço. Tivemos então que encarar da maneira mais positiva possível, já que nosso empreendimento era realizar um documentário passo a passo, passaríamos também por este infortúnio, serviu como um aprendizado e uma oportunidade de fazer tudo melhor de acordo com as experiências que

acumulamos. Retomamos as gravações de cada entrevista pela segunda vez, agora melhores na técnica, mais experientes e mais decididos do que queríamos.

Ainda na etapa de pesquisa, gravamos a primeira entrevista com a agente de saúde Lusimar Guimarães, em destaque na Figura 2, e a partir dessa entrevista, criamos um teaser para apresentar melhor a ideia do documentário aos possíveis patrocinadores e como eles estariam nos créditos. Gravamos a entrevista com uma câmera T6i e as imagens de corte foram gravadas com um celular LG, A3. Com o Projeto Executivo em mãos, fomos rodar a cidade atrás de patrocinadores, entre muitas negativas, ainda tivemos a felicidade de conseguir R\$1.200 de apoio junto a quatro marcas com base na cidade. Esse dinheiro possibilitou a compra de alguns equipamentos para a produtora. Chegamos também a solicitar o apoio da Secretaria de Cultura da cidade, através de ofício disponível nos anexos deste trabalho, infelizmente, ainda que tenhamos participado de reuniões com o secretário, não conseguimos concretizar este apoio.

Organizamos a equipe, preparamos a ordem do dia, e fizemos a entrevista oficial com a primeira depoente do documentário, a agente de saúde Lusimar. Dessa vez, conseguimos realizar uma captação com maior qualidade. Buscamos o apoio da comunicação do Moda Center Santa Cruz, inicialmente, queríamos agendar uma reunião para solicitar apoio, como não foi possível por não disponibilidade de horários da nossa parte, garantimos ao menos o empréstimo do microfone de lapela junto ao diretor de comunicação Elinaldo Ventura, comunicador também formado pela UEPB.

Demos continuidade às novas gravações das entrevistas com cada depoente, Mc Kléber, Seu Pedro da Serra, Dona Totô, Cida dos Anjos, Murilo Chacal e Josa Sanfoneiro. No decorrer das gravações, gravamos algumas cenas de corte na Festa do Dia das Crianças. Em outra oportunidade também acompanhamos agente de saúde do bairro à visitas, onde conhecemos algumas histórias e pudemos ver como se dá seu trabalho na lida cotidiana. Uma das entrevistas que perdemos com a falha no HD não pode ser refeita, pois a depoente Josefina, a rezadeira, não mais residia no bairro, mudou-se para um sítio em outra localidade. Organizamos toda a equipe para acompanhar a procissão, dormimos na antiga casa da agente de saúde, gravamos imagens de drone desde de o início da procissão partindo da Igreja Matriz da cidade, até o início da manhã subindo a Serra junto a milhares de moradores de todas as partes da cidade.

Figura 3: Bastidores das gravações, imagem da procissão e visita com agente de saúde.



Figura 4: Bastidores das gravações checando enquadramento junto à Direção de Fotografia.



Foto: Arquivo Punctum Filmes

Figura 5: Parte da equipe do documentário junto à personagem guia e ao segurança do set



Foto: Arquivo Punctum Filmes

Figura 6 e 7: Parte da equipe do documentário junto à Dona Totô, dia de gravação; e equipe na Serra do Cruzeiro no dia da gravação da segunda entrevista com Seu Pedro da Serra.



Foto: Arquivo Punctum Filmes

Figura 8 e 9: Bastidores da gravação da entrevista com Mc Kleber; Diretora gravando imagens da externa de visitas da agente de saúde Lusimar.



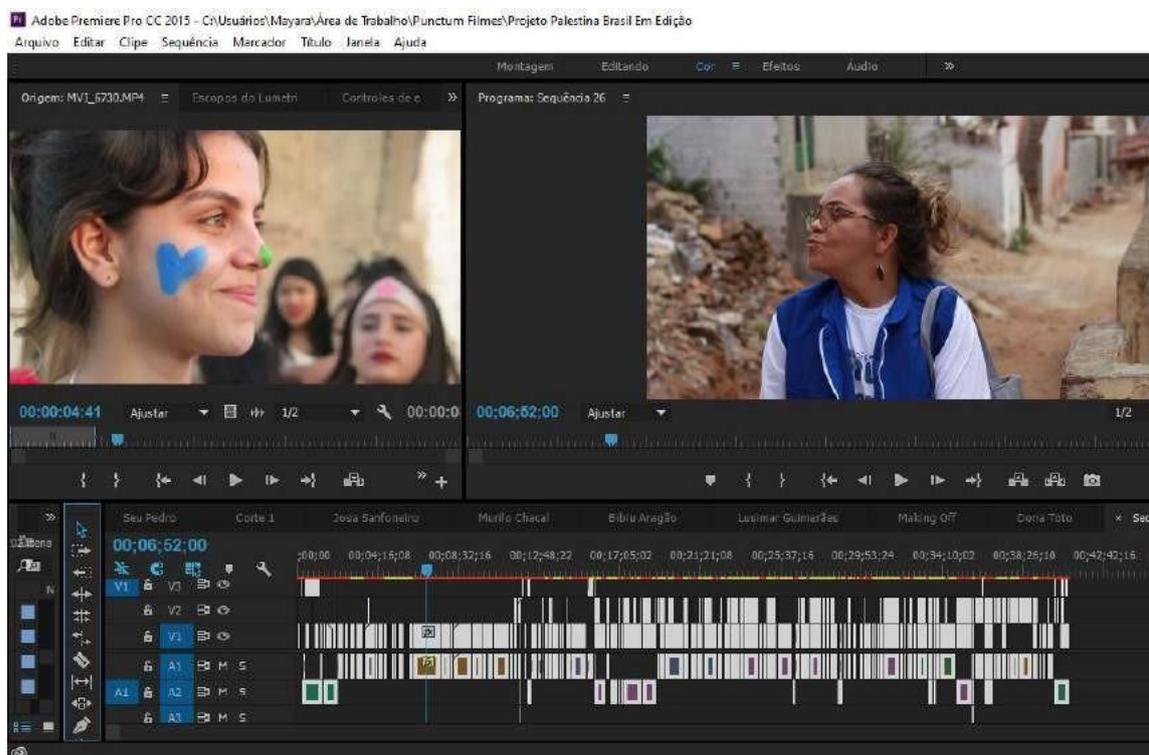
Foto: Arquivo Punctum Filmes

8.2.3 Edição

Todo o processo de pós-produção se deu durante o incomum ano de 2020. Fomos surpreendidos pela pandemia do Covid-19 e meses em isolamento me impediram de realizar como Trabalho de Conclusão de Curso um outro projeto que vinha elaborando, sendo assim,

achei por bem dar continuidade ao documentário *Palestina, Brasil*, finalizar os trabalhos de edição e apresentar este relatório técnico.

A edição foi realizada por mim, utilizando o programa Adobe Premiere. O primeiro processo foi de montagem das tomadas de cada entrevista em diferentes sequências para poder visualizar como um todo a quantidade de material disponível. Depois disso, cortei as falas e montei o documentário seguindo o roteiro previamente escrito, quase nada foi alterado da ideia inicial. Neste processo de finalização, devido a grande quantidade de material, eu já estava cansada e com o tempo muito curto para concluir a edição sozinha, sendo assim contei com a ajuda de Luana Mafra, que fechou a montagem final do documentário junto comigo. Inicialmente nós da Punctum Filmes pretendíamos que o filme tivesse duração de até 20 minutos, mas o que resulta é que tivemos falas tão ricas e que puderam conduzir uma narrativa que julgamos tão necessária e interessante que finalizamos a edição deste primeiro corte documentário com duração de 40'59''.



Fonte: Reprodução de tela.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário em longa-metragem, descrito neste relatório, é antes de qualquer coisa, um trabalho coletivo, o equilíbrio de forças de técnicos, diretores, produtores, professores e gente que dispôs tempo, energia e sua própria história ao outro para ser ouvida e contada. Este é o resultado do movimento incontáveis pessoas que passaram por mim e passaram por nós nessa caminhada. O processo de pesquisa e produção se deu antes do período pandêmico o qual estamos vivendo, mas a finalização do documentário demandou esforços dentro deste período atípico. Contudo, não poderíamos ter sido mais bem sucedidos na tarefa de contar uma história sobre a periferia do agreste pernambucano.

Tudo o que almejamos nos objetivos e planejamentos, desde o momento mais subjetivo ao mais pragmático foi contemplado ao longo do duro processo que é produzir um documentário com o objetivo de reagir à estrutura já tão consolidada, o preconceito e os achismos acerca de uma comunidade periférica. Conseguimos identificar personagens e histórias cuja vida é atravessada pela vivência no bairro, histórias que evidenciam um leque de possibilidades, dentro e fora do senso comum e o imaginário coletivo do que é uma periferia. Com toda certeza, histórias de pessoas reais vivendo em uma periferia real que vai além do que a nossa cabeça pensa de um chão que muitas vezes nunca pisamos.

E nesse chão que pisamos, conseguimos tratar sobre o potencial que a cultura e a educação têm de mudar a realidade, falas emocionantes como a de MC Kleber, Cida Anjos e Murilo Chacal que conseguem facilmente fazer uma ponte sobre acesso e oportunidade, cultura e educação. A favela tem “uma pá de truta chei de talento” como diz a trilha do filme com a música ‘Na Neblina’, que ecoa em nossas cabeças a noção de que a periferia só precisa de uma “pá de oportunidades” e de um Estado que chegue para além da repressão e violência. Um Estado que chegue em forma de bem estar social, ou, quem sabe, em Estado de Poesia?

Conseguimos mostrar como a periferia pode ser contada por uma perspectiva mais representativa, um olhar jornalístico mais preocupado, que atende a uma função política e social, rejeitando o tratamento acusatório e sensacionalista que viola a vida humana individual e coletiva. É sobre contar histórias sem esperar o choro para ganhar o ibope, mas oferecendo as lentes mais atentas a cada fala e sentimento, sem esperar que o resultado seja só mais um produto visando o lucro. Assim, cumprimos com o papel de um outro jornalismo possível, um jornalismo com um gosto de arte e transformação.

A *Palestina*, terra violada, lugar que em qualquer parte do mundo, deve ser reconquistado, terra de gente que vive e resiste é um retrato de como a educação e a cultura são desejo, expectativa e sonho de uma realidade a qual só é imposto a miséria, a invisibilidade e o preconceito. Outras podem ser as referências da periferia para o mundo, e é nesse sentido que realizamos o documentário *Palestina, Brasil*, a Palestina é a periferia de todas as cidades, lugar de gente que deve ser respeitada e lugar onde o bem estar social deveria reinar.

A saber, este projeto foi aprovado para o auxílio-fomento garantido pela Lei Aldir Blanc (Lei nº 14.017, de 29 de junho de 2020), que define ações emergenciais destinadas ao setor cultural durante o estado de calamidade, em função da Covid-19. Com isso, pretendemos realizar a distribuição do documentário, bem como finalizar quaisquer arestas ainda existentes.

Como jornalista e produtora audiovisual, finalizar este documentário representa o fim de um ciclo e o início de um outro. Hoje, para além do que possa significar um trabalho de conclusão de curso, este produto midiático significa para mim anos de dedicação à atividade jornalística, anos de sensibilidade que puderam e podem, junto à pesquisa, à técnica e ao método, fazer surgir novas perspectivas de mundo e transformá-lo a partir da informação, esta que pode vir a engajar o povo a se unir e lutar por seus direitos. Um filme para entender que a vida é muito mais do que a mídia hegemônica nos deixa saber. *Palestina, Brasil*, um retrato do mundo no Agreste Pernambucano.

REFERÊNCIAS

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1990.

ALBERTI, V. Ouvir contar: Textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004

CARRIL, Lourdes. *Quilombo, Favela e Periferia: a longa busca da cidadania*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2006.

DOMINGUES, Álvaro. (Sub)úrbios e (Sub)urbanos – o mal estar da periferia ou a mistificação dos conceitos?. *Revista da Faculdade de Letras – Geografia*, Porto, v. 10, pp. 5-18, 1994.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). *Censo Brasileiro de 2010*. Rio de Janeiro: IBGE, 2012.

MONTEIRO Marcella Rachel Mignac de Barros, REGIS Helder Pontes & MELO Paulo Thiago Nunes Bezerra. Redes Sociais: o caso dos confeccionistas do APL de Santa Cruz do Capibaribe – PE. *Revista de Negócios*, Blumenau, 15(4), pp. 49-65, 2010.

NICHOLS, Bill. *Introdução ao Documentário*. Campinas, SP: Papirus, 2005.

PENAFRIA, Manuela. Algumas Questões Sobre o Documentário e Outros Tantos Equívocos. *Revista Septima*, 2018.

SARABIA Mônica Luize, MORA Luis de La & XAVIER Maria Gilca Pinto. Santa Cruz do Capibaribe-Pe: A Transferência da Feira e o esvaziamento do Centro Antigo. *Espacios*. 34(2), 2013.

ROCHA, Patrício Alves Miranda da. *Voz e representação do real: montagem e construção da narrativa no documentário brasileiro contemporâneo*. 2012. 119 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação). Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/4465>>. Acesso em: 05 nov. 2020.

COMOLLI, J-L. (2001). Sob o risco do real. Cinema contra o espetáculo. In: *forumdoc.bh.2001 – 5º Festival do Filme Documentário e Etnográfico – Fórum de Antropologia, Cinema e Vídeo*. Belo Horizonte: Filmes de Quintal / FAFICH.

GUIMARÃES, César; Guimarães, Victor. *Da política no documentário às políticas do documentário: notas para uma perspectiva de análise*. Galáxia, núm. 22, diciembre, 2011, pp. 77-88 Pontifícia Universidade Católica de São Paulo São Paulo, Brasil

SOUZA, Gustavo. Representações do Cotidiano em Documentários de Periferia. *Revista Interamericana de Comunicação*. v.15, n.29, 2016.

ANEXOS

PUNCTUM filmes**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ**

Neste ato, e para todos os fins de direito, autorizo o uso da minha imagem e voz para fins de divulgação e publicidade do trabalho artístico-cultural, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e em filmagens.

As imagens e voz poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentação audiovisual, publicações e divulgações em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos à produtora.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Nome: Maria Aparecida da Silva Anjos

RG: 7.888.066 CPF: 079.765.064-47

Telefone: (81) 9.8960.2589 Telefone 2 (081) 99405795.

Endereço: São Francisco, no 149.

Cidade: Santa Cruz do Capibaribe Estado: PE

27 de Janeiro de 2018. 2019

Maria Aparecida da Silva Anjos

Assinatura do entrevistado

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Josefa Maria de Oliveira, CPF 089.625.234-16
RG 8502.580, depois de conhecer e conhecer os procedimentos
de pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento e
imagem, especificados neste termo, AUTORIZO, o pesquisador Mayara Tatiane da
Silva Bezerra a publicar fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu
depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo
tempo libero a utilização desse material em documento para fins científicos e de
estudos (livros, artigos, slides, reportagens e/ou livro).

Santa Cruz do Capibaribe, 11 de Outubro de 2020.

Josefa Maria de Oliveira

Participante da pesquisa

Claudia Josefa de Lima
Filha responsável

Mayara Tatiane da Silva Bezerra

Pesquisador Responsável

PUNCTUM filmes**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE IMAGEM E VOZ**

Neste ato, e para todos os fins de direito, autorizo o uso da minha imagem e voz para fins de divulgação e publicidade do trabalho artístico-cultural, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e em filmagens.

As imagens e voz poderão ser exibidas: parcial ou total, em apresentação audiovisual, publicações e divulgações em exposições e festivais com ou sem premiações remuneradas nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na internet e em outras mídias futuras, fazendo-se constar os devidos créditos à produtora.

Por ser esta a expressão de minha vontade, nada terei a reclamar a título de direitos conexos a minha imagem e voz ou qualquer outro.

Nome: Izias Teodoro Borges
RG: 848.036 SSP-PE CPF: 303.084.404-82
Telefone: (81) 94114-8035 Telefone 2 () _____
Endereço: Rua Helena Empress Carvalho - Aqueena
Cidade: Beira de Açuca Estado: PE

05 de Setembro de 2018.

Izias Teodoro Borges
Assinatura do entrevistado

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Luizimar Guimarães da Silva, CPF 024.812.974-48,
RG 5.339.713, depois de conhecer e conhecer os procedimentos
de pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento e
imagem, especificados neste termo, AUTORIZO, o pesquisador Mayara Tatiane da
Silva Bezerra a publicar fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu
depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo
tempo libero a utilização desse material em documento para fins científicos e de
estudos (livros, artigos, slides, reportagens e/ou livro).

Santa Cruz do Capibaribe, 07 de Outubro de 2020.

Luizimar Guimarães da Silva

Participante da pesquisa

Mayara Tatiane da Silva Bezerra

Pesquisador Responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Luis Kleber do Nascimento, CPF 107.830.354-1
RG 8933167, depois de conhecer e conhecer os procedimentos
de pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento e
imagem, especificados neste termo, AUTORIZO, o pesquisador Mayara Tatiane da
Silva Bezerra a publicar fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu
depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo
tempo libero a utilização desse material em documento para fins científicos e de
estudos (livros, artigos, slides, reportagens e/ou livro).

Santa Cruz do Capibaribe, 11 de 10 de 2020

Luis Kleber do Nascimento
Participante da pesquisa

Mayara Tatiane da Silva Bezerra
Pesquisador Responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Marilisa pereira da silva, CPF 093 505954-42
RG 7.8211, depois de conhecer e conhecer os procedimentos de pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento e imagem, especificados neste termo, AUTORIZO, o pesquisador Mayara Tatiane da Silva Bezerra a publicar fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo tempo libero a utilização desse material em documento para fins científicos e de estudos (livros, artigos, slides, reportagens e/ou livro).

Santa Cruz do Capibaribe, 11 de 10 de 20.

Marilisa pereira da silva Mayara Tatiane da Silva Bezerra
Participante da pesquisa Pesquisador Responsável

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, José Maria da Silva Filho, CPF 416.605.444-91,
RG 2849395 SSP-PE, depois de conhecer e conhecer os procedimentos
de pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento e
imagem, especificados neste termo, AUTORIZO, o pesquisador Mayara Tatiane da
Silva Bezerra a publicar fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu
depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo
tempo libero a utilização desse material em documento para fins científicos e de
estudos (livros, artigos, slides, reportagens e/ou livro).

Santa Cruz do Capibaribe, 11 de Outubro de 2020.

José Maria da Silva Filho

Participante da pesquisa

Pesquisador Responsável

Mayara Tatiane da Silva Bezerra

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Alcides Francisco de Menezes, CPF 178.049.904-30
 RG 1.570.138, depois de conhecer e conhecer os procedimentos
 de pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento e
 imagem, especificados neste termo, AUTORIZO, o pesquisador Mayara Tatiane da
Silva Bezerra a publicar fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu
 depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo
 tempo libero a utilização desse material em documento para fins científicos e de
 estudos (livros, artigos, slides, reportagens e/ou livro).

Santa Cruz do Capibaribe, 24 de Setembro de 2010.

Essaimes Nara de Souza

Participante da pesquisa

Mayara Tatiane da Silva Bezerra

Pesquisador Responsável

(antecada de São Pedro)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Aparecida Sousa da Silva, CPF 093.345.454-61
RG 8.472.004, depois de conhecer e conhecer os procedimentos
de pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento e
imagem, especificados neste termo, AUTORIZO, o pesquisador Mayara Tatiane da
Silva Bezerra a publicar fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu
depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo
tempo libero a utilização desse material em documento para fins científicos e de
estudos (livros, artigos, slides, reportagens e/ou livro).

Santa Cruz do Capibaribe, 24 de Outubro de 2020

Aparecida Sousa da Silva Mayara Tatiane da Silva Bezerra
Participante da pesquisa Pesquisador Responsável

mãe de: Falericio Sousa da Silva
(criança)

TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE IMAGEM E DEPOIMENTOS

Eu, Isabel Josefa de Lima Silva, CPF 070.946.604-80
RG 8.412.530-SDS-TB, depois de conhecer e conhecer os procedimentos
de pesquisa, bem como estar ciente da necessidade do uso de meu depoimento e
imagem, especificados neste termo, AUTORIZO, o pesquisador Mayara Tatiane da
Silva Bezerra a publicar fotos que se façam necessárias e/ou a colher meu
depoimento sem quaisquer ônus financeiros a nenhuma das partes. Ao mesmo
tempo libero a utilização desse material em documento para fins científicos e de
estudos (livros, artigos, slides, reportagens e/ou livro).

Santa Cruz do Capibaribe, 16 de Outubro de 2020.

Isabel Josefa de Lima Silva Mayara Tatiane da Silva Bezerra

Participante da pesquisa

Pesquisador Responsável

meu de Vitória Maria da Silva
(cunhada)

ROTEIRO

Mayara Bezerra | Virgínia Guimarães

EXT. DIA. BAIRRO PALESTINA

FADE IN - IMAGENS DE DRONE, PLANO DE AMBIENTAÇÃO, IMAGENS DAS RUAS, PERSPECTIVA DA PALESTINA PARA A CIDADE. FADE IN ARTE DO NOME 'PALESTINA'. SOM DE BG: TIROS DE BACAMARTE (OU ATABAQUE DAS CRIANÇAS?). IMAGENS DE CÂMERA FIXA OBSERVANDO O MOVIMENTO DAS RUAS. PLANO AMERICANO DA AGENTE DE SAÚDE LUSIMAR GUIMARÃES QUE NOS CONTA SOBRE A MÁ FAMA DO BAIRRO, DOS TIROS QUE JÁ OUVIU. E TAMBÉM FALA DE COMO, PARA ALÉM DESSAS SITUAÇÕES DE VIOLÊNCIA, O BAIRRO GUARDA HISTÓRIAS E LUGARES INTERESSANTES. LUSIMAR CONTA COMO ARRANJOU UMA EQUIPE PARA FAZER UM DOCUMENTÁRIO SOBRE A PALESTINA E EM SEGUIDA EM PLANO CONJUNTO VEMOS OS MEMBROS DA EQUIPE FILMANDO A SITUAÇÃO.

LUSIMAR FALA SOBRE COMO ALI EM SUA CASA FICAVA INSTALADA A PRIMEIRA ANTENA DE TV, ELA CONTA DE 'SEU PEDRO' O HOMEM QUE HOJE MORA NO ALTO DA SERRA E CUIDA DA ANTENA QUE LÁ SE ENCONTRA.

EXT. DIA. DRONE. SEU PEDRO.

PLANO DETALHE APROXIMAÇÃO DO ROSTO.

INT. DIA. CASA DE SEU PEDRO

PLANOS DETALHE DE SEU PEDRO QUE CONTA SOBRE COMO É VER TUDO DO ALTO E O QUE ELE PENSA DA PALESTINA, AS SITUAÇÕES INUSITADAS QUE JÁ PRESENCIOU ALI. FALA SOBRE A PROCISSÃO.

INT/EXT. DIA. CASA DE SEU PEDRO

SEU PEDRO LEVANTA (PA), ABRE A PORTA (PD) E VÊ A CIDADE DO ALTO, CONTEMPLA (PI).

EXT. DIA. CASA DE LUSIMAR.

LUSIMAR CONTA SOBRE OS OUTROS PERSONAGENS QUE PODEMOS ENCONTRAR NA PALESTINA. COMO 'SEU BIBIU'.

INT. DIA. CASA DE SEU BIBIU

SEU BIBIU FALA DO QUE ELE FEZ PELO BAIRRO, DO QUE ELE ACHA DA MÁ FAMA DO

LOCAL - ressaltar a parte da entrevista em que ele fala 'brinco de ouro'.

EXT. DIA. ESCADARIA.

VOZ DE LUSIMAR FALANDO SOBRE A REZADEIRA (IMAGENS DETALHE DE JOSEFINA E DOS SANTINHOS DA CASA DELA). (PA) ALGUÉM CHEGANDO NA CASA DE JOSEFINA PARA FAZER UMA REZA. IMAGENS DESSE MOMENTO, CORTA PARA (PM) JOSEFINA QUE EXPLICA SEU PROCESSO DE REZA E UMA APARIÇÃO DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA EM SUA JANELA.

IMAGENS DE TRANSIÇÃO - ALGUÉM DESCENDO AS ESCADAS - PÉS DESCENDO AS ESCADAS CHINELOS BATENDO NO CHÃO - SOMBRAS - ÁRVORES - VENTO.

DEPOIS, IMAGENS DOS MENINOS DE COSTAS, FALANDO SOBRE COMO É BOM BRINCAR ALI. CORTA PARA IMAGENS DE MUITXS MENINXS BRINCANDO NA ESCADARIA, MOSTRANDO A CRUZ. A CÂMERA FIXA OS AGUARDA, ATÉ QUE UM DELES CHEGA, TOCA NA LENTE. SOBE BG DE MUSICA DE MC KLÉBER.

EXT/ESTÚDIO. MC KLÉBER.

IMAGENS DE MC KLÉBER PELAS RUAS DA PALESTINA, CONVERSANDO COM AS PESSOAS, IMAGENS DELE CANTANDO MÚSICA 'RAP SANTACRUNZENSE', SOM SOBE 'NÓS É ISSO AQUI, REALIDADE FAVELA', PLANOS DETALHE DA AÇÃO. SOM DESCE, SOBE VOZ DE KLÉBER FALANDO DE SUA RELAÇÃO COM O BAIRRO E DAS HISTÓRIAS QUE TRAZ NAS MÚSICAS.

ENTRA VOZ OFF DE LUSIMAR FALANDO MAIS SOBRE A CENA MUSICAL DO BAIRRO, ELA MENCIONA SEU MARIDO, SANDOVAL CABELEIRA, QUE ENTRA EM VOZ OFF FALANDO O QUE SUAS LETRAS RETRATAM SOBRE O BAIRRO, ELE APARECE EM PLANO PEQUENO E VEMOS AS EXPRESSÕES DE SEU ROSTO ENQUANTO FALA DA VIDA NA PALESTINA. CORTA PRA UM PLANO GERAL DE SEU ESTÚDIO NA GARAGEM DE CASA ONDE ELE ENSAIA COM A BANDA.

EXT. SEU JOSA.

PLANO DETALHE DELE TOCANDO SANFONA, ENTRA EM VOZ OFF 'EU JOSA SANFONEIRO' CORTA PARA PLANOS DETALHE DE JOSA FALANDO "O CARA DO FORRÓ", CONTINUA TOCANDO E CANTANDO. PLANO MÉDIO DE SEU JOSA, ELE FALA SOBRE COMO AS PESSOAS DA PARAÍBA VIERAM MORAR NA CIDADE E SOBRE AS INVASÕES AOS TERRENOS DO BAIRRO DA PALESTINA, FALA TAMBÉM SOBRE O TRABALHO DA FAMÍLIA.

INT. DONA ZEFINHA

SENTADA À MAQUINA DE COSTURA, DONA ZEFINHA CONTINUA E CONFIRMA O DISCURSO DE SEU JOSA, AO FALAR SOBRE COMO VEIO DA PARAÍBA E SE ESTABELECEU NA PALESTINA ATRAVÉS DA CONFECÇÃO (EMPRESA PUNHADO DE GENTE).

EXT. IMAGENS DE TRANSIÇÃO

IMAGENS DE VÁRIAS CASAS ONDE COSTUREIRAS TRABALHAM EM PEQUENOS NEGÓCIOS, O SOM ALTO DAS MÁQUINAS LIGADAS. TAMBÉM IMAGENS DOS GRANDES FABRICOS DA PALESTINA. CORTA PARA PLANO DETALHE DESLIGANDO AS MÁQUINAS. SEGUNDOS DE SILÊNCIO.

FADE IN - INT. DONA TOTÔ, ESPOSA DE SEU MORANGUINHO. PLANO DETALHE NO ROSTO, FOCO NA MÃO QUE MOVIMENTA O SINO QUE SEU MORANGUINHO USAVA PARA ATRAIR A CLIENTELA.

PLANO MÉDIO, DONA TOTÔ OLHANDO COM O OLHAR PRO ALÉM, COMO QUEM LEMBRA DE ALGO, DE ALGUÉM, ENTRA VOZ OFF DELA FALANDO DO SEU FALECIDO MARIDO, SEU MORANGUINHO QUE, QUANDO VIVO (CORTA PARA IMAGEM DELA FALANDO) PASSEAVA TODA A PALESTINA A VENDER PICOLÉS E REFRESCAR 'O POVO'.

EXT. CRIANÇA CHAMANDO NA CASA DE DONA TOTÔ PARA COMPRAR PICOLÉ

DONA TOTÔ VAI BUSCAR O PÍCOLÉ E ENTREGA NA MÃO DELE.

EXT. CRIANÇA SENTADA COM OS JOELHOS DOBRADOS. PLANO FECHADO DOS JOELHOS AOS PÉS.

DETALHE DO PICOLÉ DERRETENDO. O TEMPO PASSA.

EXT. LUSIMAR GUIMARÃES.

VOZ OFF - LUSIMAR FALA SOBRE CHACAL, ZILDA, O BAR DA FAVA E O BAR DE MARCOS. IMAGENS DOS LOCAIS E DESSAS PESSOAS SOBREPÕEM SUA VOZ.

EXT. CIDA. PASSEIO PELO BAIRRO.

CIDA NOS FALA SOBRE O TRABALHO DA ASSOCIAÇÃO EM PROPORCIONAR MELHORIAS PARA A PALESTINA, ELA AINDA CONTA SOBRE COMO É VIVER ALI E SE ESFORÇAR PARA QUE A VIDA NO MORRO MAIS ALTO DA CIDADE FIQUE CADA VEZ MELHOR. QUEREMOS SABER DELA PORQUE O BAIRRO TEM A FAMA DE VIOLENTO E O QUE ELA ACHA QUE PODE MUDAR ISSO. FALA DOS EVENTOS DA PALESTINA, RESSALTANDO O PRINCIPAL DELES: A PROCISSÃO.

EXT. MADRUGADA DO DIA DA PROCISSÃO.SEGURANÇA PASSANDO. CACHORRO LATINDO. BÊBADO DORMINDO. O PROFANO ANTECEDE O SAGRADO.

EXT. LUSIMAR GUIMARÃES. SOBRE A PROCISSÃO

- A PROCISSÃO JUNTA A CIDADE INTEIRA NA PALESTINA...
- FALA DE COMO NUNCA SUBIU A SERRA MAS SEMPRE ESTAVA ALI, A POSTOS PARA AJUDAR OS FIÉIS QUE SUBIAM PARA PAGAR PROMESSAS E SE COMPADECER PELA DATA DA MORTE E RESSURREIÇÃO DE CRISTO

EXT. PROCISSÃO.

IMAGENS DE ALGUNS DO PERSONAGENS QUE JÁ APARECERAM NESSE FILME, E DE OUTROS. IMAGENS DETALHE, PLANOS ABERTO, PLANOS MÉDIO, IMAGENS E O SILÊNCIO, A QUIETUDE OU ALGAZARRA DOS FIÉIS.

IMAGEM DE DRONE DA PROCISSÃO, A PALESTINA ESTÁ LOTADA DE PESSOAS, O DRONE VAI SE AFASTANDO E NOTAMOS A DIMENSÃO DO BAIRRO E A DISCREPÂNCIA SE SEU RELEVO QUANTO AO DO RESTO DA CIDADE.OUVIDOS SONS DE TIROS, MUITOS TIROS, CRIA-SE A SENSAÇÃO DE ALERTA.

EXT. LUSIMAR.

LUSIMAR FALA DE COMO A EDUCAÇÃO É IMPORTANTE PARA FORMAR CRIANÇA E ADULTOS CONSCIENTES DE QUE UM BAIRRO É MUITO MAIS DO QUE O QUE FALAM DE RUIM DELE. [audio da entrevista 1]

EXT. BACAMARTEIROS. SERRA.

PLANO DETALHE DO BACAMARTEIRO “PREPARANDO O TIRO”. PLANO GERAL DOS BACAMARTEIROS ATIRANDO AO MESMO TEMPO. FIM. SOBEM OS CRÉDITOS.

PUNCTUM FILMES

CONTRATO DE PATROCÍNIO - NÍVEL 3

A empresa _____ com sede na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, endereço _____, N° _____, bairro _____, CEP _____, no estado de Pernambuco, inscrita no CNPJ _____, neste ato representada pelo representante autorizado _____, doravante denominado de **PATROCINADOR**; e a Punctum Filmes, com sede na cidade de Santa Cruz do Capibaribe, no estado Pernambuco, que explora o ramo de produção audiovisual, neste ato representada pelo representante JANSEN PINHEIRO DE BARROS, RG 4.062.470, CPF 117.524.424-40, residente na cidade Santa Cruz do Capibaribe, no estado de Pernambuco, doravante denominado **PRODUTOR**.

O PRODUTOR executará os serviços descritos para o PATROCINADOR, no curta-metragem produzido em vídeo, intitulado de '**PALESTINA, BRASIL**', com duração de até 30 minutos, com as seguintes cláusulas:

- 1 - **A logo** da sua empresa aparece **isoladamente** no início e fim dos créditos.
- 2 - É estabelecido o limite de **4 (quatro)** empresas Nível 3, contando com a do presente PATROCINADOR para divisão, isoladamente, dos frames iniciais e finais.
- 3 - O direito de aquisição de cópias do vídeo, sem ônus, para o PATROCINADOR, com limite de **duas** unidades;
- 4 - O valor do patrocínio é o equivalente a **R\$ 600,00**.

O PATROCINADOR pagará o valor estipulado neste contrato da seguinte forma:

() à vista () depósito em conta

_____ de _____ de _____

Assinatura do PATROCINADOR

Assinatura do PRODUTOR

PUNCTUMFILMES

Apoio Cultural

Desejamos, através do presente documento, solicitar o apoio da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Capibaribe, por meio da Gestão de Cultura, para **patrocínio especial** na realização do documentário '**Palestina, Brasil**', produzido pela Punctum Filmes. As gravações do curta-metragem serão realizadas entre os meses de abril e julho, nas imediações do bairro Nova Palestina, com isso, foi elaborado um orçamento mínimo para realização do projeto.

O documentário em questão tratará sobre a história do bairro, os moradores e, principalmente, sobre como um bairro periférico, cujo próprio nome carrega impressões negativas e que é visto por muitos como um dos bairros mais perigosos da cidade, guarda histórias muito além do medo. Neste curta-metragem, veremos a Palestina como retrato do mundo, repleta de gente e histórias; estigmas e peculiaridades.

Por fim, vale salientar que a participação da prefeitura da cidade é de extrema importância tanto para realização do projeto, quanto para incentivar esse tipo de produção local, aumentando assim, a visibilidade da cidade no cenário audiovisual.

ATENCIOSAMENTE,

PRODUTOR

CONTATOS

Mayara Bezerra (81) 99920-2692

Jansen Barros (81) 99691-9118

puncumfilmes@gmail.com